

«PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

2. Encontro com Cristo

por Luigi Giussani*

O ACONTECIMENTO

Aquilo que descrevemos como experiência humana é prerrogativa de todos os homens.

O único génio que captou bem todos estes fatores humanos, que os fez emergir e revelou o seu sentido definitivo, valorizando-os de maneira impensável e imprevisível, foi Jesus Cristo.

O encontro histórico com este homem constitui o encontro com o ponto de vista que resolve e clarifica a experiência humana.

É exatamente este encontro que nós queremos realizar de novo. Vamos por isso examinar os primeiros momentos em que o facto surgiu. Eis aqui o seu primeiro apontamento histórico: «No dia seguinte, João encontrava-se de novo ali com dois dos seus discípulos. Então, pondo o olhar em Jesus, que passava, disse: “Eis o Cordeiro de Deus!” Ouvindo-o falar desta maneira, os dois discípulos seguiram Jesus. Jesus voltou-se e, notando que eles O seguiam, perguntou-lhes: “Que pretendeis?” Eles disseram-lhes: “Rabi – que quer dizer mestre – onde moras?” Ele respondeu-lhes. “Vinde e vede.” Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Era cerca da hora décima».⁸

Um dos dois é o historiador que narra o facto e que, já centenário, recorda perfeitamente o pormenor da hora. Porque aquele facto marcou para ele o início de uma nova vida.

E o relato prossegue com os encontros de Filipe e Natanael. Este último era «o velho» do grupo, carregado de experiência, atento para não se deixar enganar por ninguém. «Vem ver», dizem-lhe. E é sempre o melhor argumento para persuadir. Jesus vê chegar Natanael e diz-lhe: «Aí vem um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento». «Donde me conheces?», rebate Natanael como quem não se quer deixar lisonjear. «Antes de Filipe te chamar, Eu vi-te quando estavas debaixo da figueira!» E Natanael cede imediatamente: «Mestre, Tu és o Filho de Deus»⁹.

Foi neste momento que aquele homem começou a subir na consideração dos outros.

Os discípulos, após um primeiro momento de espanto, ficam tão impressionados com o que Ele diz, com a forma como olha para eles, que O aceitam imediatamente, ou seja, concedem-lhe a sua confiança. Precisamente o capítulo seguinte do Evangelho relata o milagre das bodas de Caná e termina assim: «Jesus realizou o primeiro milagre... e os discípulos acreditaram n'Ele»¹⁰. Isto demonstra que o acontecimento não se desenvolveu num estágio brevíssimo.

Se aqueles discípulos, apesar de O reconhecerem como o Messias desde o primeiro encontro, nunca mais O tivessem visto, teriam esquecido aquele curioso facto. Porém, reaproximando-se d'Ele, aquela primeira impressão aprofundava-se neles. Nesta convergência contínua de impressões e de sentimentos, eles reforçam o seu credo. Não é que antes fossem »

⁸ Jo 1,35 -39.

⁹ Cf. Jo 1,45-49.

¹⁰ Jo 2,11.

* «Passos de experiência cristã» em *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra 2007, pp. 85-95.

» impostores e não acreditassem; pelo contrário, seguiam a lei da consciência humana, que implica esta evolução.

É assim, mesmo depois das bodas de Caná, o Evangelho sublinha outras vezes: «... e os discípulos acreditaram n'Ele». Produz-se um aprofundamento que conduz o homem a esse grau de segurança graças à qual, a dado momento, está persuadido: *tem a certeza*.

Procuraremos identificar agora os *aspectos da personalidade de Cristo* que se apresentaram, e se apresentam, como excepcionais aos seus e aos nossos olhos.

UMA PRESENÇA EXTRAORDINÁRIA

Antes de mais, Cristo mostra autoridade e superioridade em todas as ocasiões.

Tentemos imaginar aquela gente que, primeiro, durante semanas O vê regressar à praia e, depois, durante três anos, presencia episódios extraordinários.

Até que alguns abandonam tudo para O seguir sempre e para todo o lado.

Estavam habituados aos agitadores, especialmente naqueles anos em que todos esperavam o Messias; e certamente os agitadores causavam alarme. Mas Jesus sai fora dos esquemas habituais. Ele não apela às armas contra o Império Romano. Espiá-Lo para o apanhar em falso será a grande preocupação dos chefes: inconsciente missão de testemunho para todos nós.

É meio-dia, e Cristo retira-se numa casa para comer, mas as pessoas aglomeram-se à porta. Cristo continua a falar; na primeira fila estão os Fariseus. Levam-Lhe um homem paralítico há vinte anos e, como não conseguem fazê-lo entrar pela porta, descem-no através do telhado atrás de Cristo. Ele volta-se: «Filho, tem confiança, os teus pecados estão perdoados». Imediatamente os Fariseus pensam: «Este homem blasfema, quem pode perdoar os pecados senão Deus?». Aquele homem desvia o olhar do pobre doente e, fixando os presentes, diz: «Que é mais fácil dizer: “Os teus pecados te são perdoados” ou “Levanta-te e anda”? Pois bem, eu te digo: “Levanta-te, toma a tua enxerga e vai para casa”». E o homem põe a enxerga às costas e vai-se embora por entre o compreensível clamor das pessoas¹¹.

É constantemente, todos os dias, coisas deste género: «Chegou à noite cansado de curar» é um estribilho no Evangelho.

O DOMINADOR DA NATUREZA

Aqueles que O seguem são espectadores de um excepcional domínio sobre a natureza.

«Depois subiu para o barco e os discípulos seguiram-no. Levantou-se, então, no mar, uma tempestade tão violenta, que as ondas cobriam o barco; entretanto Jesus dormia. Aproximando-se dele, os discípulos despertaram-no, dizendo-lhe: “Senhor, salva-nos, que perecemos!” Disse-lhes Ele: “Porque temeis, homens de pouca fé?” Então, levantando-se, falou imperiosamente aos ventos e ao mar, e sobreveio uma grande calma. Os homens, admirados, diziam: “Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?”»¹².

ELE CONHECE-NOS E COMPREENDE-NOS

Mas o poder mais sugestivo, que fez capitular Natanael e prende cada um de nós, é o domínio sobre os nossos pensamentos e os nossos corações: a compreensão. Para Ele é coisa »

¹¹ Cf. Mt 9,1-8.

¹² Mt 8,23-27.

» normal ler no homem o seu passado e as suas intenções; por isso, todos advertem que até mesmo essa parte secreta da personalidade humana é coisa sua.

Sentou-se cansado junto de uma fonte e veio uma mulher buscar água: «Dá-me de beber», pediu Jesus; e ela, com o ar desembaraçado e pouco delicado de certas pessoas, faz troça. «Se tu soubesses quem te pediu: “Dá-me de beber”, tu é que Lhe pedirias». «O poço é fundo e nem sequer tens um cântaro, como podes dar-me de beber?»... «Vai chamar o teu marido». «Eu não tenho marido». «Disseste bem, não tens marido, tiveste cinco e o que agora tens não é teu marido». Está vencida¹³.

Quando se passava ao lado de meretrizes e publicanos era preciso fazer um desvio de dez metros para não se contaminar, o que era um meio bastante inteligente para fazer entrar nas duras cabeças das pessoas a lei moral. Mas Ele comportava-se de maneira completamente diferente, aliás, até ia comer com eles. «Tendo entrado em Jericó, Jesus atravessava a cidade. Vivia ali um homem rico, chamado Zaqueu, que era chefe dos cobradores de impostos. Procurava ver Jesus e não podia, pois era de pequena estatura. Correndo à frente, subiu a um sicómoro para O ver, porque Ele devia passar por ali. Quando chegou àquele local, Jesus levantou os olhos e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje tenho de ficar em tua casa.” Ele desceu imediatamente e acolheu Jesus, cheio de alegria. Ao verem aquilo, murmuravam entre si, dizendo que tinha ido hospedar-se em casa de um pecador. Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: “Senhor, vou dar metade dos meus bens aos pobres e, se defraudei alguém em qualquer coisa, vou restituir-lhe quatro vezes mais”»¹⁴.

Diante d’Ele não há barreiras: Ele penetra sem dificuldade – surpreendendo ou antecipando-se – no complicado novelo do coração humano. O que é meu é como se fosse d’Ele.

Não existe nada que faça o homem desabar, desabar no sentido de abandono total, como o sentir-se descoberto e compreendido.

O SENHOR DA PALAVRA

Ele revelava a inteligência de uma dialética irresistível. Os Fariseus e os Escribas eram famosos no mundo inteiro pela sua dialética. Mas diante d’Ele eram impotentes.

«Então, os fariseus reuniram-se para combinar como o haviam de surpreender nas suas próprias palavras. Enviaram-lhe os seus discípulos, acompanhados dos partidários de Herodes, a dizer-lhe: “Mestre, sabemos que és sincero e que ensinas o caminho de Deus segundo a verdade, sem te deixares influenciar por ninguém, pois não olhas à condição das pessoas. Diz-nos, portanto, o teu parecer: é lícito ou não pagar o imposto a César?” Mas Jesus, conhecendo-lhes a malícia, retorquiu: “Porque me tentais, hipócritas? Mostra-me a moeda do imposto. Eles apresentaram-lhe um denário. Perguntou: “De quem é esta imagem e esta inscrição?” “De César” responderam. Disse-lhes então: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.” Quanto isto ouviram, ficaram maravilhados e, deixando-o, retiraram-se»¹⁵.

«De madrugada, voltou outra vez para o templo e todo o povo vinha ter com Ele. Jesus sentou-se e pôs-se a ensinar. Então, os doutores da Lei e os fariseus trouxeram-lhe certa mulher apanhada em adultério, colocaram-na no meio e disseram-lhe: “Mestre, esta mulher foi apanhada a pecar em flagrante adultério. Moisés, na Lei, mandou-nos matar à pedrada tais mulheres. E Tu que dizes?” Faziam-lhe esta pergunta para o fazerem cair numa armadilha e terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se para o chão, pôs-se a escrever com o dedo na terra. Como insistissem em interrogá-lo, ergueu-se e disse-lhes: “Quem de vós estiver sem pecado, atire-lhe a primeira pedra!” E, inclinando-se novamente para o chão, »

¹³ Cf. *Jo* 4,1-30.

¹⁴ *Lc* 19,1-8.

¹⁵ *Mt* 22,15-22.

» continuou a escrever na terra. Ao ouvirem isto, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos»¹⁶. A armadilha está desarmada, o que constitui um desafio à sua hipocrisia.

A palavra do Mestre é de tal maneira fascinante, e é tão difícil não a levar a sério, que conquista e inclusivamente imobiliza: «... Os guardas voltaram aos sumos sacerdotes e aos fariseus, que lhes perguntaram: “Porque é que não o trouxestes?” Os guardas responderam: “Nunca nenhum homem falou assim!”»¹⁷.

O BOM PASTOR

Mas uma outra característica O distingue. As pessoas poderosas, capazes de sondar a nossa psique, essas pessoas que nos falam do alto das suas cátedras, é tão difícil que sejam boas! Mas Ele... «Pegou numa criança e pô-la sobre os Seus joelhos e abraçou-a...»¹⁸. Ou ainda: «Dirigiu-se a uma cidade chamada Naim, indo com ele os discípulos e uma grande multidão. Quando estavam perto da porta da cidade, viram que levavam um defunto a sepultar, filho único de sua mãe, que era viúva; e, a acompanhá-la, vinha muita gente da cidade. Vendo-a, o Senhor compadeceu-se dela e disse-lhe: “Não chores.” Aproximando-se, tocou no caixão, e os que o transportavam pararam. Disse então: “Jovem, Eu te ordeno: Levanta-te!” O morto sentou-se e começou a falar. E Jesus entregou-o à sua mãe»¹⁹.

A experiência da bondade está em encontrar um comportamento que valoriza o que somos, que nos dá esperança no que seremos. É a «paz na terra» porque Deus é bom.

E Deus é bom porque nos salva. A redenção é anúncio da positividade da vida.

À frente daquela gente, que o vê tão poderoso e tão grande, Ele inclina-se sobre a flor do campo e descreve o seu vestido, fala do sol e da chuva sempre com bondade e delicadeza, e não: «Que maçada, hoje está a chover...» ou «Este sol incomoda...». E a atenção que Ele dedica ao homem está carregada de uma compreensão sem limites, de cordialidade sem reservas. «Até os cabelos da tua cabeça estão todos contados»²⁰.

Ele sente compaixão pela dor: não consegue comer se antes não tiver curado. Chora por Lázaro e chora pela cidade.

E era humano, não apenas por ser tão sensível à natureza, inclusivamente às coisas mais ínfimas do homem, e pela sua cordialidade, mas porque sabia participar da alegria humana. É significativo o valor que dava ao comerem juntos. O gesto maior da sua religião identifica-se com uma refeição. Muitas analogias do Reino são retiradas do banquete e descreve a glória final como estar à mesa com Abraão, Isaac e Jacob²¹.

QUEM É ESTE?

É muito natural que as pessoas que O seguiam, e particularmente aqueles que O seguiam com continuidade, perante o aparecimento de uma personalidade deste género, a certa altura se tenham posto a pergunta: «Quem é este?».

O homem douto e culto, que, por isso, abrevia os tempos e os espaços porque vive sucintamente a experiência mais vasta, Nicodemos, reconhece logo que aquele homem não pode vir senão de Deus. »

¹⁶ Jo 8,2-9.

¹⁷ Jo 7,45-46.

¹⁸ Cf. Mc 9,36; 10,16.

¹⁹ Cf. Lc 7,11-15.

²⁰ Mt 10,30.

²¹ Sobre tudo isto, cf. o primeiro capítulo de *Cristo, nosso irmão*, de Karl Adam.

» Mas não se comporta diferentemente a gente rude e inculta que o tinha seguido abandonando tudo. Romano Guardini observa: «Eles abordaram-no, ouviram-no, voltaram e acabaram por experimentar a impressão de uma personalidade sem comparação. Esta impressão vai-se convertendo aos poucos em convicção. Jesus era um ser superior a todos os outros...»²².

Há nele qualquer coisa de inexplicável, há um contorno indefinível.

A convivência com Cristo tinha produzido uma evidência, a evidência de que naquele homem era muito natural, muito acertado ter confiança. Ir contra essa evidência seria como ir contra si mesmo.

Não podiam, portanto, deixar de crer naquele homem só porque dizia uma palavra que não compreendiam.

«Precisamente para sermos coerentes com o que vimos, para sermos coerentes connosco, temos de aceitar também o que não compreendemos e que Tu dizes. Só em Ti está o significado de nós próprios»: assim poderíamos nós traduzir a razoabilidade da atitude de Pedro no facto descrito no capítulo VI do Evangelho de São João²³.

Qual é a diferença entre as pessoas exaltadas de poucos dias antes e este grupinho de fiéis, entusiasta também mas de outro modo? As pessoas procuravam-no em função de uma medida sua e, por isso, quando Ele começou a dizer por que motivo tinha vindo – um motivo que excedia as expectativas comuns – abandonaram-no: estavam mais apegadas ao seu limite do que à verdade.

Mas o grupo dos fiéis não se vai embora, embora não compreendendo, e à pergunta: «Quem és Tu?» – à qual Ele responde «Eu e o Pai somos um só»²⁴ – eles aceitam mesmo sem compreender.

Só irão compreender no Pentecostes, quando lhes é dada uma genialidade sobrenatural. Como já observámos, poucas horas antes de subir ao céu ainda Lhe perguntam: «Mestre, quando é que vais restaurar o Reino de Israel?».

Pouco compreendem também depois da morte e da ressurreição. Mas retêm aquela resposta misteriosa porque «foi Ele que o disse».

O ENCONTRO – HOJE

A atitude humaníssima dos primeiros fiéis é a inevitável atitude de partida ainda hoje.

Cristo está a caminhar com os Apóstolos e passa junto de uma rocha abrupta à beira da estrada: «Quem dizem as pessoas que Eu sou?»; «E vós, quem dizeis que Eu sou?». «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo». Pedro pronunciava palavras sem compreender o seu verdadeiro e profundo significado. «És feliz porque não foi o teu espírito, mas sim Deus que te sugeriu isto. Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja»²⁵.

Também hoje o cristianismo é constituído por uma resposta deste tipo. «Quem diz a gente que Eu sou?... Os livros, os professores, os realizadores de cinema, os publicitários, os líderes dos partidos, o teu pai, a tua mãe, os teus amigos, quem dizem eles que Eu sou?»; «... O primeiro socialista, o primeiro comunista, o primeiro liberal, o maior génio religioso, um visionário, um feiticeiro, um desconhecido com nome afortunado...» «E vocês, quem dizem vocês que Eu sou?».

«E vocês, quem dizem vocês que Eu sou?» a nossa fé adulta, pessoal, começa como resposta pessoal a esta pergunta. »

²² Cf. R. Guardini, *La Realtà Della Chiesa*, Bréscia, Morcelliana, 1973, p. 175ss.

²³ Cf. *Jo* 6,67-69.

²⁴ *Jo* 10,30.

²⁵ Cf. *Mt* 16,13ss.

» Enquanto o mundo existir, uma voz humana há-de enfrentar as consciências dos outros homens para repetir a pergunta, que é uma proposta: «E tu, quem dizes tu que Eu sou?». E a resposta: «Tu és Deus» brotará em todos os tempos da mesma atitude e das mesmas razões de Pedro.

É extremamente importante frisar que este diálogo fundamental, esta escolha interlocutória decisiva tem uma dupla componente.

Em primeiro lugar, o facto de um encontro – o encontro com a realidade de Cristo –, uma ocasião *inevitável*, um acontecimento ineliminável na vida do homem a quem acontece.

E, em segundo lugar, a atenção a esse facto, «participar» nesse encontro, comprometer-se com ele. E isto não é inevitável: é *livre*.

COMPROMISSO

Que significa comprometer-se num encontro da existência senão concentrar nele as energias da nossa sensibilidade e da nossa consciência, ou seja, concentrar nele a nossa própria humanidade?

Então a descoberta de Cristo como realidade decisiva, à qual aderir com todo o nosso universo, nasce como consequência de uma *convivência*.

Então – mais uma vez – quanto mais alguém sente a sua própria humanidade, e mais a sério toma as suas experiências, quanto mais intensamente vive a sua existência, mais essa convivência com a realidade histórica de Cristo será reveladora do valor do encontro realizado.

Cristo apresenta-se-nos com uma pergunta: mas a nossa resposta coincide com reconhecê-lo a Ele como única resposta possível ao nosso caminho humano. O compromisso com este caminho é, além disso, condição para poder acolher e compreender a oferta do encontro com Cristo. Quanto mais simples for o homem, mais viverá – talvez sem se aperceber – este compromisso: assim foram os apóstolos e os primeiros discípulos.

Para o homem, a realidade é obscura e os olhos procuram a luz que lhe dê um sentido. A voz de um homem na história chega até nós: «Sou Eu» - «*Qui sequitur me non ambulabit in tenebris*»²⁶. No oceano da história emerge de repente uma Palavra que invade tudo e a tudo dá forma e coerência: «... Amanhece o dia e o sol irrompe nos vossos corações»²⁷. Mas só prestando atenção, só abrindo-me de par em par ao mundo e a essa luz, só sendo sensível àquele e disponível para esta poderei perceber que a Luz é *verdadeira*.

O eco da proposta daquele Homem e a sua verificação é a grande aventura da vida humana. A grande aventura que faz da vida e da história um caminho cheio de sentido, em vez de uma dissipação de instantes; a grande aventura que nos livra do sentimento de inutilidade e nos ergue com a força da esperança.

Há uma passagem do Evangelho que reproduz magnificamente o drama deste diálogo entre a consciência do homem e a presença de Cristo: «Ao chegarem perto da aldeia para onde iam, fez menção de seguir para diante. Os outros, porém, insistiam com Ele, dizendo: “Fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso.” Entrou para ficar com eles. E, quando se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho. Então, os seus olhos abriram-se e reconheceram-no, mas ele desapareceu da sua presença. Disseram, então, um ao outro: “Não nos ardia o coração quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”»²⁸.

Este gesto da fração do pão, vivido em comum, torna-se para eles como uma hipótese »

²⁶ *Vulgata*, Jo 8,12.

²⁷ *2Pe* 1,19.

²⁸ *Lc* 24,28-32.

» luminosa que explica o caminho com aquele inesperado viandante; à luz deste gesto «verificam» toda a experiência daquele encontro.

Agora só nos podemos pôr uma pergunta: como é possível que aquela hipótese não tivesse surgido neles antes? Que a hipótese surja é um *dom*, é *Graça*.

Relembramos que é possível enviar perguntas e testemunhos para o site

<http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>